

2023

ABRIL EM ÒDEMIRA

WWW.CM-ODEMIRA.PT



Ódemira
MUNICÍPIO

Discurso Presidente Assembleia Municipal
Ana Aleixo

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Odemira

Exmos. Senhores Vereadores da Câmara Municipal de Odemira

Exmos. Senhores Deputados da Assembleia Municipal

Exmos. Senhores Presidentes e membros das Juntas e Assembleias de Freguesia

Exmos. Senhores ex-autarcas do concelho de Odemira

Exmos. Membros das Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas

Exmas. Senhoras

Exmos. Senhores

O mundo nunca mais foi igual a partir de março de 2020. A vida nunca mais foi igual, as pessoas nunca mais foram iguais, o nosso olhar nunca mais foi igual.

Vivo com uma sensação constante de andar de cabeça para baixo, a ver o mundo ao contrário. Uma estranha sensação em que o insólito já não me espanta e em que o normal já não existe.

Por um lado, é a prova de que o ser humano se adapta a todas as circunstâncias para que se possa “encaixar” ou “ir encaixando” num espaço que julga seu mas que, de seu, tem muito pouco.

Afinal, “Nenhum Homem é uma ilha, completo em si próprio; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo” – assim escreveu John Donne.

E se o mundo nunca mais foi igual, a verdade é que Portugal também nunca mais o foi, nem Odemira.

Os desafios em Odemira têm sido gigantes! Território lindo e singular, esconde em si uma complexidade que poucos conhecem e com a qual poucos sabem lidar.

Somos, efetivamente, diferentes!

Somos grandes em extensão, não tão grandes em população residente.

Somos grandes em vontade, mas por vezes com tantos entraves na execução.

Somos grandes em luta, mas muitas vezes lutamos sozinhos.

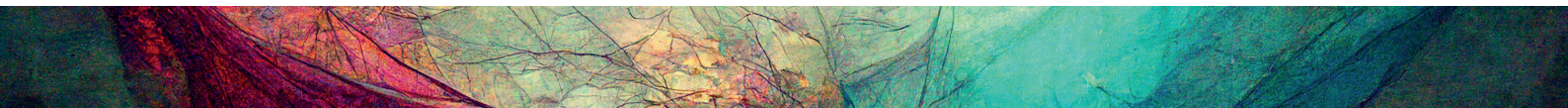
Somos grandes em determinação, mas não tão grandes em serviços públicos disponíveis para a população.

O povo lusitano é um povo de emigrantes! Há muito que os portugueses saíram em busca de um futuro melhor ou até para fugir da repressão, rumando em direção ao Brasil, Angola, Moçambique, Alemanha, França, entre outros países espalhados pelos 5 continentes. Era o que acontecia, precisamente no período pré 25 de abril. A Revolução dos Cravos, que hoje festejamos e aclamamos, permitiu o regresso a Portugal de aproximadamente meio milhão de portugueses. Muitos de vós sabem do que falo por experiência pessoal ou familiar.

Tentaram anestesiá-la a saudade (aquela palavra que só existe na nossa língua e que nós sabemos sentir como ninguém) e procuraram um lugar que os acolhesse e lhes desse ânimo para lutar por um objetivo de vida. Afinal, não é possível viver sem um motivo, sem um objetivo que esteja lá à frente, no futuro e que nos faça correr na sua direção.

E lá foi o português, disposto a ser acolhido e a deixar-se acolher.

Disposto a adaptar as suas regras e os seus costumes e a, sem perder a sua identidade, relembrar em si a sua



origem portuguesa, mas respeitando o lugar para onde ia, as gentes com quem conviveria e as tradições da sua "nova casa".

O português esperava desse lugar, a capacidade de o ensinar e de o ajudar a adaptar-se, sem nunca esquecer o respeito pela sua própria identidade e individualidade.

Foi assim desde há várias décadas; é assim atualmente.

Talvez por isso o português sinta na pele a dificuldade de partir, de sair, de estar longe.

Talvez por isso o português queira acolher, abraçar, dar colo e integrar.

E o odemirense é igual.

Mas ... cautela!

O odemirense está assustado, apreensivo e baralhado. O odemirense já não sabe se está a acolher ou se está a deixar-se acolher.

O odemirense quer abrir os braços e explicar como vivemos aqui, neste lugar. O odemirense está disposto a integrar quem vem por bem, sendo certo que integrar não é, nem pode ser, transformar Odemira em cada país de origem de cada uma das pessoas que aqui passam a residir.

O odemirense, para integrar, não pode ele próprio sentir-se desintegrado porque se isso acontecer, algo está errado.

Ao odemirense não pode ser exigido que altere os seus costumes, hábitos e tradições. Ao odemirense não pode ser exigido que não celebre o Natal. Ao odemirense não pode ser exigido que não coma cozido de couve ou bacalhau com grão.

O desafio tornou-se maior do que se esperava, talvez por ser tão difícil que ouçam a nossa voz lá, na capital, que, sendo tão perto, parece um local tão distante deste nosso paraíso singular.

Mesmo com a era digital, com a facilidade de comunicação imediata e com os meios de que hoje dispomos (veja-mos que as cartas já não são atiradas ao mar numa garrafa, nem precisamos mais que um pombo leve uma folha de papel enrolada à sua pata) tudo demora. A ajuda tarda. E o odemirense espera, espera, espera ... e desespera.

Têm sido muitas as tomadas de posição por parte desta Assembleia Municipal e da Câmara Municipal de Odemira, as quais pretendem fazer chegar a quem pode decidir, um grito de alerta.

Nem me atrevo a dizer há quantos anos esses gritos de alerta têm sido dados. E nem me atrevo a dizer quantas respostas concretas esta Assembleia recebeu.

Muito recentemente o Senhor Presidente da Câmara Municipal, com o apoio unânime desta Assembleia, dirigiu ao governo uma "Proposta para uma cooperação de melhoria da qualidade de vida em Odemira".

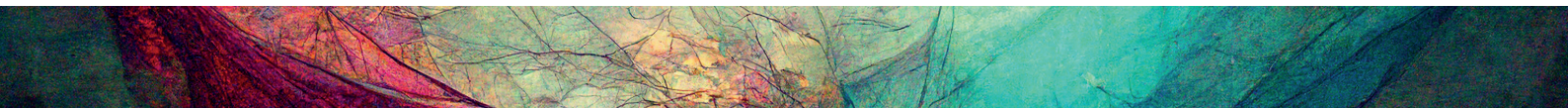
Esse documento resume de forma muito coerente e concreta, anos de luta, de reivindicações, de contactos diretos com o poder central na sequência desta nova realidade demográfica que se desenhou.

São reivindicações no plano das acessibilidades, serviços públicos e interesse geral, segurança, habitação, educação e, obviamente, no plano da resposta direta ao fenómeno da migração.

Ninguém poderá acolher sem condições para tal. Nenhum território pode continuar a receber pessoas e a manter o estado de coisas que existia antigamente.

Isso é uma utopia e não tem a menor hipótese de correr bem.

Quero citar perante todos vós algo que o Senhor Presidente Hélder Guerreiro escreveu nesse documento, a propósito da nova realidade migratória no concelho, e que subscrevo na íntegra: "Sabemos bem o que representa,



enquanto oportunidade de futuro, a realidade demográfica de Odemira. No entanto a verdade é que esta realidade causou e causa muitos constrangimentos à comunidade de acolhimento, designadamente uma perda inequívoca no acesso aos serviços de interesse geral, uma dificuldade acrescida (quase impossibilidade) no acesso à habitação, uma perceção crescente de insegurança, uma diminuição abrupta de sentido de comunidade, uma alteração abrupta da identidade do território (paisagem urbana) o que conduz a um sentimento generalizado de perda de qualidade de vida.

Este impacto profundo na comunidade de acolhimento tem um potencial, facilmente mobilizável, para comportamentos de xenofobia e para posicionamentos de confronto que importa, a todo o custo, evitar. É neste sentido que o momento atual tem de refletir uma cooperação entre o poder central e o poder local sob pena de não ser possível a existência de condições políticas locais de gestão do contexto migratório nos moldes colaborativos que, até aqui, têm vindo a ser feitos. Este é o momento e o contexto, onde importa construir um trajeto coerente e consistente tendo em conta as reais necessidades. É agora a oportunidade de agir de forma concreta para que sejamos capazes de garantir o futuro de todos e para todos, sem deixar partir aqueles que vivem há décadas, mas acolhendo com dignidade e condições aqueles que escolhem Odemira como destino para os seus projetos de vida. Importa desenvolver processos claros de cooperação com o governo para que em Odemira tenhamos as condições políticas para implementar um processo urgente e justo de reconstrução de uma comunidade a partir da diversidade de comunidades em presença”.

Fim de citação.

Nesta sequência, digo eu: é preciso reestabelecer urgentemente a qualidade de vida no concelho de Odemira! É preciso devolver a identidade aos odemirenses! É preciso mostrar aos odemirenses os pontos positivos da multiculturalidade, criando, para o efeito, as condições que permitem essa coexistência de vidas e culturas! A partilha é positiva, a coexistência é desejada, a diversidade é entusiasmante e necessária, mas ... será isso que temos neste momento?

Não poderemos ser, perante o Governo, meros atores secundários quando somos nós as personagens principais.

Somos nós quem aqui vive e quer viver, somos nós quem aqui trabalha e quer trabalhar, somos nós quem sabe o que é o dia a dia e quer saber. Somos nós quem tem de decidir o que quer e como quer!

Não queremos pseudo-leis, queremos leis! Não queremos pseudoregulamentos, queremos regulamentos! Não queremos teoria, queremos prática! Não queremos passividade, queremos ação!

De outra forma, não dá!

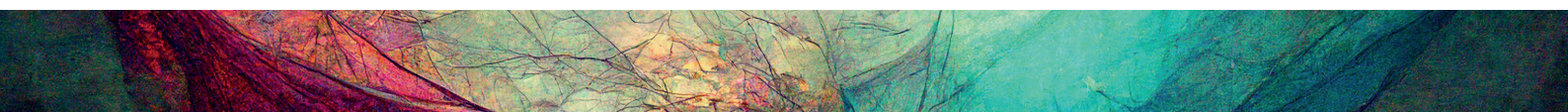
Neste mandato do Presidente Hélder Guerreiro temos recebido em Odemira, com muita regularidade, diversos membros do Governo, sejam eles Ministros ou Secretários de Estado, seja ao nível da habitação, educação, saúde, ambiente, proteção civil, conservação da natureza, administração interna, migrações, cidadania e igualdade e infraestruturas.

Fomos visitados na véspera de Natal pelo Senhor Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa.

Agradeço publicamente ao Senhor Presidente, o facto de endereçar sempre convite a esta Assembleia, por mim representada, para estar presente nesses momentos e até para acompanhar as reuniões mais relevantes.

Sinto uma enorme proximidade entre o executivo e a Assembleia Municipal que não posso deixar de enaltecer e dar a conhecer.

Sinto que o Senhor Presidente da Câmara percebe que esta Assembleia poderá servir melhor os odemirenses se conhecer de perto a parte da execução, se puder contribuir no debate dos principais assuntos que são levados



com maior regularidade às reuniões, nomeadamente através do público e dos deputados municipais.

Temo-nos empenhado em formar grupos de trabalho para debate, recolha de problemáticas e propostas de solução, em áreas fulcrais como sejam a saúde, educação ou as acessibilidades no nosso concelho.

Queremos estar perto, ao lado, de mão dada na busca do melhor para todos os que vivem e sentem Odemira.

E queremos convosco obrigar o Governo a olhar para nós com a seriedade que é necessária e com compromisso que se exige.

Esta Assembleia estará sempre ao vosso lado nestas visitas, nestas reuniões e em todos os atos que permitam aproximar o poder central do poder local.

A sabedoria popular diz que “um olhar vale mais do que mil palavras”.

Pois façamo-los olhar, façamo-los sentir Odemira!

Por falar em aproximação, quero também agradecer ao Senhor Presidente o facto de ter sido possível retomar as Assembleias Municipais Jovens.

Este ano, a dita Assembleia realizou-se no Colégio Nossa Senhora da Graça e foi integrada nas Jornadas Escolares, levando àquele fórum alunos de quase todos os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas do concelho.

O modelo foi inovador, diferente de todos os noutros anos e, a meu ver, um modelo de sucesso.

Pedimos aos alunos que eles próprios pensassem sobre o nosso concelho. Fizessem propostas, recomendações, colocassem questões.

E eles fizeram. Realização de uma rota pelas fontes do concelho, com a sua recuperação; realização de um percurso de autocarro para crianças e jovens durante as férias, nomeadamente para mostrar locais históricos do concelho e realizar outras atividades; construção de ciclovias e percursos pedonais; construção de abrigos para a chuva em paragens de autocarros; melhor iluminação das estradas; criação de um espaço jovem e cultural em Vila Nova de Milfontes; melhoria de condições das escolas; promoção de atividades desportivas e lúdicas que fomentem inclusão das crianças e jovens migrantes ...

Os meus olhos brilharam de satisfação e eu saí daquele local imensamente feliz.

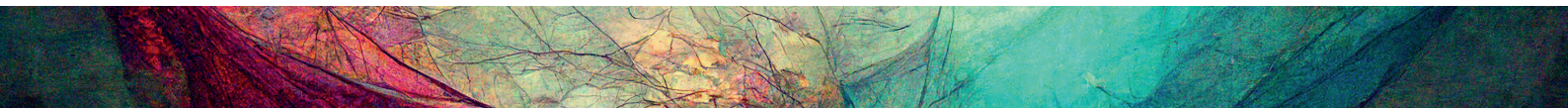
Por um lado, por podermos contribuir para que estes jovens saibam e vivenciem aquilo que nós adultos fazemos nesta Assembleia e o quanto nos esforçamos para ajudar a melhorar.

Por outro, porque eles souberam pensar, criar e criticar, mas criticar não de forma gratuita, mas com propostas de solução. Eles souberam debater, defender as suas ideias e explicar como as desenvolveram.

Eles mostraram-nos que podemos confiar e que podemos ter esperança.

Agradeço profundamente aos alunos e professores que estiveram envolvidos nesse projeto e garanto-vos que, enquanto desempenhar estas funções, abraçarei a Assembleia Municipal Jovem como um dos desafios mais importantes e empolgantes.

Desejo que tudo aquilo que estes jovens levaram desta experiência, os faça voar para longe do ninho, mas que tenham sempre vontade de regressar.



Hoje, por tudo aquilo que vos disse, termino não com um poema de abril, como é habitual, mas com um poema que eu própria escrevi no dia 29.10.1997, quando tinha apenas 17 anos e acabava de chegar à grande cidade de Lisboa para estudar direito. O poema chama-se "Odemira" e reza assim:

Como tudo muda!

Mas eu já sabia ...

Deixei a tua frescura doce,

O teu carinho terno

E a tua simpatia.

Deixei a calma,

O embalar de um qualquer pássaro

Que cantava sempre junto à minha janela.

Troquei-te, pura e simplesmente.

Ficou para trás um quotidiano

Sempre igual,

Mas sempre novo.

Já não vejo os teus sorrisos,

Já não te ouço chamar o meu nome

Como fazias antes.

Agora,

Acordo e não sei bem o que vejo.

A calma transformou-se em pressa,

Os meus passos são rápidos e sistemáticos

A simpatia não está mais em cada esquina.

Os pássaros são agora buzinas ruidosas,

Os sorrisos, não os encontro e

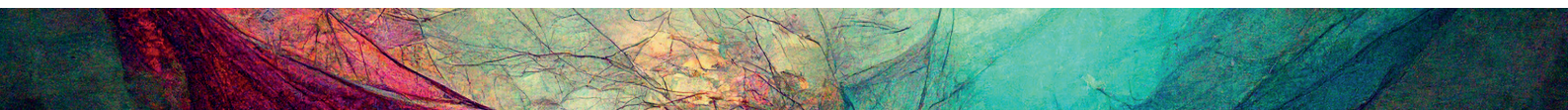
As vozes familiares, onde estão?

Por agora é assim!

Tem de ser assim!

Vai ser assim!

Mas prometo que te vou recuperar,



Hei-de voltar para perto de ti,
Olhar-te nos olhos,
Fechar os meus
E pedir-te desculpa”.

O que escrevi em 1997 aconteceu. Recuperei Odemira, voltei para perto de si, fechei os meus olhos, olhei os seus, mas nunca senti necessidade de pedir desculpa.

É por tudo isto que lutei, luto e lutarei sempre por este NOSSO lugar.

Este ano, a minha palavra é só esta: ODEMIRA!

VIVA PORTUGAL!

VIVA O 25 DE ABRIL!

MAS VIVA, SOBRETUDO, ODEMIRA!

Odemira, 25 de abril de 2023

Ana Aleixo

Presidente da Assembleia Municipal de Odemira

